

As modificações trazidas pela prática do canto coral

Jôfre Lúcio Goulart

Universidade Federal de Uberlândia
jofregoulart@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho visa conhecer as modificações na vida dos participantes de um coral. Ao investigar tais modificações, identifiquei a importância desta prática na vida de quem se dedica a ela. O propósito do trabalho foi, portanto, confirmar o quão importante pode ser a experiência a partir do canto coletivo e o que pode ser levado para a vida social fora desta prática. Utilizei a abordagem qualitativa baseando-me nas teorias de Denzin e Lincoln (2006). A técnica de coleta de dados teve a colaboração teórica de Manzini (2004), culminando em uma entrevista semiestruturada, com um roteiro de perguntas e com a possibilidade de mudanças de acordo com as respostas. Busquei o apoio teórico dos autores Behlau (2004), Cândido (1999), Dias (2012), Escalada (2009), Junker (1999), Bozzetto (2012) e Villa-Lobos (1987). Pude conhecer, através de quatro entrevistados, as mudanças na vida e cultura de cada um e as visões pessoais do trabalho desenvolvido no grupo. Cada entrevistado foi escolhido de acordo com sua permanência no grupo. Os resultados apontam o desenvolvimento em diversos âmbitos do conhecimento como idiomas, técnica vocal, respiração, estilos e gêneros musicais e, além disso, reforçam que a prática coral, como um recurso socializador, é uma soma entre tantas possibilidades de desenvolvimento social, o que tanto necessitamos.

Palavras chave: canto coral, canto coletivo, experiências musicais.

Introdução

Quando ingressei no Coral da Universidade Federal de Uberlândia, aos 13 anos de idade, meu cotidiano se resumia em práticas totalmente comuns, tais como a prática jogos nos fins de tarde ou os encontros de horas e horas de brincadeiras após as aulas do ensino básico. Um vizinho, integrante do grupo, contou-nos sobre sua experiência e tudo me inquietou. Cedi aos convites e fui conhecer o trabalho. Realizei a audição com o regente adjunto e fui orientado a cantar junto ao naipe de contraltos já que, por ser tão jovem, ainda tinha voz aguda. Em geral, adolescentes que não passaram pela fase da muda vocal cantam de forma semelhantemente à voz feminina.

Behlau (2004) explica que, em meninos, as pregas vocais podem alongar-se até 1 (um) centímetro sendo, portanto, uma alteração intensa na emissão vocal do garoto. Cândido (1999)

desenvolveu monografia na qual revisa a bibliografia a respeito dos distúrbios da Muda Vocal e argumenta que "as vozes dos meninos que sofrem mutação prolongada e tempestuosa não necessitam ser consideradas patológicas" (CÂNDIDO, 1991, p.12). Defende que, em razão das dimensões físicas alteradas na puberdade (por exemplo, crescimento da cartilagem laríngea e aumento do ângulo tireóideo), os garotos apresentam dificuldades na manipulação da laringe. Após alguns meses praticando o canto com os exercícios técnicos praticados no início dos ensaios durante o aquecimento vocal, meu sistema fonador firmou-se com as características que duram até hoje.

A diversidade era facilmente percebida no Coral, característica que se manteve com o passar dos anos. Vale lembrar que, dentre as diferenças possíveis, destacam-se classes sociais distintas, crenças religiosas e etnias.

Além da experiência descrita e somando-se atualmente catorze anos de convívio e trabalho com o grupo, cito diversos projetos trabalhados nas mais variadas vertentes, idealizados pela regente titular, Prof.^a Dr.^a Edmar Ferretti, dos quais participei: óperas, missas, oratórios, cantatas, apresentações de repertório popular, oficinas cênicas, etc. Conhecedora da música cantada e soprano brasileiro de respeito, Ferretti recorria a diversos recursos didáticos visando sanar as mazelas trazidas pela falta de conhecimento técnico-musical do grupo.

Trabalhava ensaio após ensaio o domínio vocal de cada naipe utilizando técnicas de depuração de afinação e exercícios rítmicos para solucionar dificuldades. Em outro momento havia a exposição de questões estilísticas, com explicações claras sobre período, estilo e características específicas de cada compositor e suas regiões. A maestrina orientava-nos muito bem, ainda, sobre a dicção e traduzia os textos de quaisquer idiomas apresentados no repertório, às vezes com ajuda de especialistas.

Além de toda a parte musical exposta, foi e é notável o desenvolvimento no que tange o convívio social no Coral da UFU, como também a busca pelo objetivo comum, o convívio em grupo (por vezes complicado) e outros pontos relacionados à sociabilidade, ultrapassando quaisquer limites da heterogeneidade. Villa-Lobos (1987), em seu irrestrito apoio ao canto coletivo, pontua: "A minha receita é o canto orfeônico. [...] deveria, na realidade, chamar-se

educação social pela música” (VILLA-LOBOS, 1987, p. 13). O trecho reforça que a prática leva à união social do grupo, em que se esquece de quaisquer diferenças entre os participantes. As dificuldades eram vencidas com muito esforço de toda equipe e com o empenho de cada integrante.

Sobre toda a minha longa experiência com o grupo, atuando nas funções de cantor (naipes de contraltos e baixos), bolsista preparador, pianista correpetidor e, hoje, regente adjunto, corro o risco de perder-me em tantas vivências, musicais e sociais. Internamente, numa visão mais emocional ou psicológica, percebi a desinibição ao lidar com situações cotidianas e a resolução de dificuldades relacionadas à baixa autoestima. Atualmente, o público não me assusta mais e tenho a segurança para falar com tranquilidade, passando a mensagem necessária.

Voltando à busca pelo bem comum e resumindo todo o esforço coletivo, a apresentação representa, em larga escala, o que hoje chamaria de consciência coletiva, a consciência do outro, suas dificuldades ou facilidades, umas unidas às outras, indo ao encontro do mesmo objetivo: apresentar o trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa foi, portanto, certificar-me das experiências vividas pelos participantes do Coral da UFU, comparando tais mudanças com o antes e o depois da participação no grupo, ainda que as experiências não tivessem a mesma profundidade que relatei anteriormente como vivência pessoal. Mais especificamente, busquei 1) identificar a importância do canto coral enquanto atividade complementar na vida do coralista, 2) analisar as influências da prática coral e 3) verificar os possíveis impactos familiares e sociais que o ato de cantar em um coro pode promover na vida de seus participantes. Fui motivado pela inquietude ao me questionar se realmente o trabalho desenvolvido há tantas décadas pode, de fato, impactar na vida daqueles que ali doam seu tempo. A existência do grupo, por tantos anos, deveria ser, por si só, a resposta de tal questionamento. Ainda assim, empenhei-me em estudar as impressões daqueles com os quais convivo e trabalho.

A seguir, apresento a revisão bibliográfica que norteou os aspectos teóricos ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Revisão Bibliográfica

Escalada (2009) traz todos os aspectos técnicos do trabalho de canto Coral, abordando o ensino para crianças em escolas de música ou de ensino básico. O autor trata de concepções de canto e as técnicas de respiração, relacionando aspectos fisiológicos nela envolvidos. Trata, também, de questões relacionadas ao aparelho fonador, questões relacionadas à faixa etária de crianças e, por fim, ao processo de muda vocal, enfrentado por todos os garotos durante a adolescência. O autor aborda problemas relacionados à afinação, questões físicas e musculares, postura do canto, como também métodos para desenvolvimento da memória, vocalizes para aquecimento, exercícios rítmico-melódicos e escolha do repertório. Questões administrativas envolvendo o coro e o trabalho são pertinentemente enumeradas. Escalada (2009) encerra seu livro com o capítulo 10 (dez), reunindo benesses trazidas aos alunos educados tanto musical quanto socialmente.

Já o trabalho publicado a partir das palestras na Convenção Internacional de Regente de Coros, realizada em Brasília de 25 de julho a 1º de agosto de 1999, traz a compilação dos textos apresentados em cada palestra, escritos pelos próprios palestrantes. Destaca-se, relacionando com o tema desta pesquisa, o texto do regente Junker (1999), “A importância do canto coral”.

Encontrei, no artigo de Dias (2012), uma pesquisa desenvolvida com dois coros de Porto Alegre-RS, sendo um de uma instituição educacional e o outro de instituição ligada à saúde. Nesta proposta, a autora investigou os relatos de experiência dos integrantes e traçou paralelos entre os dados coletados e as análises de pontos de vista sociológicos, embasada por literaturas de importantes autores da área.

Já Bozzetto (2012), em sua pesquisa, deixa claro o quanto a família exerce um papel ativo no incentivo pela aprendizagem musical dos familiares. Encetando seu contato com as famílias por meio de entrevistas, Bozzetto (2012) encontrou diversos tipos de estruturas familiares e identificou, em grande maioria, pais que são presentes e preocupados com a formação dos filhos. A pesquisa revela que os alunos que permanecem no projeto carregam

consigo, além da força de vontade, o apoio irrestrito da família. As alterações familiares são a prova do incentivo.

Metodologia

A análise dos dados coletados nesta pesquisa foi norteadada pela abordagem qualitativa. Suas definições apontam, cada vez mais, para um estudo detido daquilo que se coleta, estando o pesquisador mais próximo do objeto de estudo. Para Denzin e Lincoln (2006), a abordagem qualitativa pode ser definida, de maneira sucinta, como "uma atividade situada que localiza o observador no mundo" (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17).

Apesar da possível proximidade, o pesquisador deve manter-se imparcial durante o processo de pesquisa, de modo a não interferir no resultado final.

No que se refere aos participantes da pesquisa, selecionei 4 integrantes do Coral seguindo critérios relacionados ao tempo de participação. Busquei, então, 1 participante com até 6 meses de atuação (ingressante), integrante com 6 meses a 2 anos de participação, membro com 3 anos (ou mais) de participação e, por fim, egresso que estivesse ausente por no mínimo 6 meses.

Foi utilizada, como técnica de coleta de dados, a entrevista semiestruturada. Segundo Manzini (2004), "a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista" (MANZINI, 2004, p. 154). Como, através dos critérios, busquei quatro tipos de participantes, cada entrevista teve encaminhamento específico para cada colaborador de acordo com suas experiências.

Através da observação como participante, a observação do "outro" e a coleta de dados, realizou-se uma abordagem de dados confrontados com a personalidade das questões suscitadas nas perguntas direcionadas aos participantes selecionados.

Em relação ao procedimento de coleta de dados, após a seleção dos participantes a partir dos critérios mencionados anteriormente, foi agendada uma entrevista individual com cada integrante, na qual usei uma entrevista com roteiro pré-elaborado. A forma de entrevista

que mais se ajusta aos objetivos pretendidos com a pesquisa é a entrevista semiestruturada. Devido às divergências de situações e critérios para a seleção, a entrevista sofreu alterações, uma vez que cada um apresentou sua visão diante das próprias referências.

Definidas as perguntas da entrevista no roteiro, o próximo passo foi o encontro com os convidados. Sendo impossível prever quaisquer eventos que pudessem comprometer a qualidade da entrevista, optei por realizar uma entrevista piloto com três voluntários, abarcando três dos quatro critérios apresentados.

Convidei-os e recebi a positiva resposta para que colaborassem com meu estudo respondendo às perguntas. Os participantes foram avisados que sua participação era totalmente experimental e suas respostas não seriam analisadas ou utilizadas no relatório final.

Na realização da entrevista piloto ficou clara a necessidade que há em pensar em um local adequado para realizar as entrevistas. É imprescindível a busca por um lugar fora de qualquer contexto comum, com o menor risco de interrupções de qualquer natureza.

Análise dos Dados Coletados

Durante o desenvolvimento deste trabalho, busquei conhecer as modificações vividas pelos integrantes do Coral da UFU, baseando-me na pequena parcela que representou todos os integrantes do grupo. Apresento a seguir alguns aspectos iniciais de análise dos dados coletados neste estudo.

Diante dos questionamentos e diálogo com a colaboradora da Categoria 1 – Ingressante, percebemos que, desde já, a coralista tem consciência dos benefícios que podem surgir com a sua participação. A mesma cita os desafios de aprender idiomas diferenciados no estudo e a velocidade com a qual o aprendizado se dá. Como ouviu desde criança relatos dos pais sobre a participação em coral, uma vez que os mesmos integraram corais em sua cidade natal, a cantora trouxe consigo o entusiasmo adquirido desde cedo. Notamos, aqui, que tal reconhecimento foi passado de pais para filha. A entrevistada destaca, como falha, a ausência de mais explicações teóricas, argumentando que tornaria os ensaios mais produtivos se todos dominassem, mesmo que pouco, a leitura de notas.

O participante da Categoria 2 – Participante até 1 (um) ano, traz observações externas de familiares e amigos. Cita, como ponto importante, a variedade de repertório, já que o grupo trabalhou, desde sua entrada, vários idiomas e vários gêneros como ópera, música popular brasileira e músicas internacionais. Para o entrevistado, a sensação de dever cumprido se dá ao ouvir os aplausos calorosos da plateia, o que é de extrema importância para o próprio bem-estar. Durante os ensaios, segundo ele, é o momento em que todos deixam suas diferenças de lado e passam a ser um só, em busca de um objetivo, no qual os que mais sabem se juntam aos que tem certa dificuldade e todos caminham juntos.

Na Categoria 3 – Participante até 5 (cinco) anos, a voluntária fala sobre sua rotina familiar, na qual há agora a compreensão da responsabilidade e o respeito pelos seus horários de estudos do repertório. Segundo ela, a família acompanha as principais apresentações do grupo e manifestam ainda mais o respeito pelo trabalho desenvolvido. Sem contato anterior com idiomas, sente-se desafiada e vitoriosa ao conseguir finalizar um trabalho. Relata também o aprendizado que adquire e compartilha convivendo constantemente com pessoas de faixa etária variada. Ali, segundo ela, a convivência, às vezes difícil, traz benefícios e ajuda na busca pelo objetivo comum.

Por fim, a entrevista com o participante da Categoria 4 – Egresso, traz uma visão de quem esteve no grupo e não participa mais. Esse entrevistado relata que, mesmo após tanto tempo, sente os benefícios da experiência. Em sua faculdade, seus trabalhos acadêmicos fogem da área de estudo e caminham para a área musical, despertando o interesse de colegas e professores. Em seu emprego, usa a experiência de trabalho em grupo e compreensão das diferenças adquiridas no período com o Coral para aperfeiçoar-se sempre. Ao longo de sua participação, atuou em óperas, cantatas, missas, repertório popular brasileiro e teve contato com diversos idiomas. O coralista acredita nas modificações da prática coral em sua vida e cita exemplos de pessoas que, apesar da diferença, se socializa e, em outra citação, exemplifica caso de timidez resolvida, situação na qual a pessoa em questão é, hoje, professora de inglês em uma escola de idiomas da cidade.

Destaco que, nos relatos gravados e nesta análise de dados, não encontrei nenhuma referência aos benefícios da prática coral para a saúde, mental ou emocional dos participantes, exceto por uma breve referência, por parte de um dos entrevistados, a outra integrante que já se afastou referindo-se à questão da timidez resolvida. Esperei, também, encontrar relações com a saúde física, como problemas crônicos que tivessem apresentado alívio a partir da permanência no grupo.

A seguir apresento a identificação e a formação dos participantes deste estudo.

Identificação e Formação

Como Ingressante, tive a colaboração da cantora Carolina. Aos 21 anos, é universitária, curso Física Médica. Mora em uma república estudantil e os pais moram em outra cidade. Não tem leitura musical e não havia cantado em coral anteriormente. Maria relata ter ouvido, quando criança, diversos relatos do pai que cantou em coro quando jovem. Colaborou comigo, atendendo ao critério de 1 ano de participação, o cantor Robson, 46 anos, que atua profissionalmente como motorista para a instituição, conduzindo inclusive o grupo em viagens ou trajetos dentro da cidade. Integrou um grupo musical na igreja e cantou com o coro do Conservatório Estadual. Não tem leitura musical. A senhora Avelina, 54, dona de casa, montou um grupo para atuar musicalmente em cultos religiosos, o qual descontinuou suas atividades em razão das dificuldades de ensaios e pouco conhecimento dos organizadores. Não tem leitura musical, mas empenha-se gravando os ensaios e com assiduidade exemplar. Integra o grupo há 5 anos e, dos escolhidos, caminha conosco há mais tempo, embora tenhamos integrantes com mais de 20 e 30 anos. Erick, 25 anos, participou do Coral por 5 anos e afastou-se há 1 ano e meio. Cursa Biologia e trabalha como técnico laboratorial. Não tem leitura musical fluente.

A seguir, apresento as conclusões positivas obtidas pela execução deste trabalho, apontando a eficácia do trabalho enquanto meio socializador.

Considerações Finais

Através dos dados coletados nesta pesquisa pude perceber que os integrantes do Coral da UFU, em especial aqueles que não têm ligação profissional com a música, tem interferências importantes, compreendendo suas vidas de forma diferente e positiva, já que tudo que ali experimentam estão completamente fora de suas realidades assim como da realidade dos que os cercam. Durante as entrevistas, pude conhecer melhor a visão de cada um, pois o período de participação realmente confere uma grande divergência de opiniões e cada um atribui à experiência uma visão distinta. Nenhuma entrevista tornou-se mais importante do que outra tendo cada uma sua colaboração valiosa para o trabalho. Os integrantes do Coral em estudo, selecionados através das características de cada categoria, revelam o desenvolvimento musical, a ampliação do conhecimento teórico da música, como a leitura de partituras e notas, a melhora da percepção musical e auditiva, identificando tons maiores, menores e nuances dinâmicas (*piano* e *forte*). No amplo conhecimento geral, os integrantes participaram de eventuais discussões sobre temas atuais do mundo, conheceram diversos idiomas e ouviram da experiência da regente titular relatos de experiências pessoais vividas ao longo de sua carreira. Durante o estudo de óperas, a vida dos compositores é abordada, bem como a realidade do seu tempo e particularidades da sua região de nascimento e lugares pelos quais viveu. Como afirma Bozzetto (2012), “as marcas da experiência de aprendizagem musical ficam tanto no corpo quanto na experiência subjetiva de um conjunto de socializações que marcam a trajetória social desses indivíduos em seus respectivos mundos sociais” (BOZZETTO, 2012, p. 270). Nessa visão sociológica, todos os participantes reconhecem o papel social que a prática ocupou em sua vida, desde o integrante com pouco tempo até o egresso, que carrega as marcas da sua experiência. A heterogeneidade mostra-se insignificante diante da busca pelo objetivo comum do grupo: a apresentação. Agradar o público e satisfazer a si mesmo não tem preço e é alimento para a autoestima.

Como esperado, a pesquisa foi ao encontro dos meus anseios em confirmar a importância da prática coral na vida de quem a pratica, enquanto mais um recurso sócio-

educador. Confirmei, então, meu interesse em concentrar esforços para meu desenvolvimento na área colaborando, enquanto regente, com o desenvolvimento de todos aqueles que demonstrarem interesse em viver essas experiências. Como disse um dos entrevistados, “ninguém pode morrer sem assistir uma ópera”. O peso dessa afirmação me incentiva, de tal forma, que farei o que estiver ao meu alcance.

Por fim, anseio que esta pesquisa junte-se a outros trabalhos sendo assim o reforço de tudo o que já se discute sobre o assunto. Cabe, ainda, buscar mais informações acerca das modificações não só no Coral como também em outros corais. Existem, hoje, corais profissionais, corais de instituições privadas nos quais funcionários são participantes, corais universitários, corais de igrejas entre inúmeros outros. Conjecturo que as informações seriam as mesmas, vindo apenas ao encontro do que é exposto cada vez mais em pesquisas realizadas, algumas mais profundamente. Apesar disso, não devemos parar de perseguir a busca pelo reconhecimento dos benefícios coletivos de tais práticas. O impacto é amplo, abrangendo os envolvidos diretos, tanto quanto familiares, amigos e demais indivíduos do convívio social.

Referências

BEHLAU, Mara. **A Voz do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. Vol.II.

BOZZETTO, Adriana. **Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra**. 2012. 295 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61124>. Acesso em 30 de junho de 2016.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 16, n.2, 2003. p. 221-236.

CÂNDIDO, Simone Santos. **As modificações da laringe na muda vocal**. 1999. 59 f. Monografia (Curso de Especialização), Cursos de Especialização em Fonoaudiologia Clínica - CEFAC, Curitiba, 1999. Disponível em: <http://www.cefac.br/library/teses/a8c12bbc5009378f894919625c2ee9ab.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2016.

DENZIN, Norman, YVONNA, Lincoln. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman, YVONNA, Lincoln. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da Prática Coral. **Revista da ABEM**, v. 20, n. 27, 2012, p. 131-140.

ESCALADA, Oscar. **Um coro em cada aula: manual de ayuda para el docente de música**. Buenos Ayres: GCC, 2009.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. O canto coral como prática sociocultural e educativo-musical. **Opus**, v. 13, 2007. p. 75-96.

JUNKER, David. **A importância do canto coral**. In: CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE REGENTES DE COROS. Brasília: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 1999. p.107-111

MANZINI, Eduardo José. Entrevista Semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, v.1, 2004. p. 1-10.

VILLA-LOBOS, Heitor. Villa-Lobos por ele mesmo: pensamentos. In: RIBEIRO, J. C. (Ed.). **O pensamento vivo de Villa-Lobos**. São Paulo: Martin Claret, 1987.